

ECONOMIA

PRODUÇÃO

Desenvolvimento mundial dá vitalidade ao Brasil até primeiro ano do próximo período presidencial

AS PREVISÕES

Veja as variações das previsões dos analistas para o desempenho do PIB, da indústria e da inflação este ano e em 2006

	2005	2006
PIB	2,9% a 3,5%	2,1% a 4%
Indústria	3,9% a 4,9%	3,7% a 5,5%
Inflação	5,24% a 5,30%	4,66% a 4,83%

Editoria de Arte/CB

FHA - Economia - Brasil

Crescimento chega ao futuro mandato

MARCELO TOKARSKI

DA EQUIPE DO CORREIO

Depois que Duda Mendonça disse à CPI dos Correios que recebeu dinheiro do PT por meio de remessas ilegais de dinheiro para o exterior e abalou suas relações com o Planalto, o principal marqueteiro do presidente Luiz Inácio Lula da Silva atende pelo nome de crescimento econômico. Depois de um 2003 difícil, a economia brasileira cresceu 5,2% em 2004. Para este ano, os analistas prevêem expansão um pouco mais tímida, de 3,5%. Em 2006, as projeções apontam para nova alta do Produto Interno Bruto (PIB) — até 4%. Alguns economistas já apostam que a onda do crescimento se estenderá pelo menos até 2007 (primeiro ano do próximo mandato presidencial), quando o país deve experimentar o quarto ano consecutivo de aumento do PIB.

Por tudo isso, nas eleições do próximo ano o governo vai querer mostrar que o forte ajuste econômico implementado pela equipe chefiada pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci, colocou de vez o país na trilha do crescimento. Na verdade, tal estratégia já foi adotada nos discursos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que em seus discursos enaltece os indicadores econômicos. No entanto, analistas ouvidos pelo *Correio* ressaltam que a equação não é tão simples.

Motor internacional

A política econômica, que oferece ao mercado financeiro os maiores juros do mundo, conseguiu debelar por hora o dragão inflacionário, mas não é a responsável isolada pela expansão da economia. Para os economistas, nosso PIB se beneficia em grande parte do crescimento mundial, este sim apontado como o motor da expansão econômica vivida no Brasil — país que, por sua vez, cresce em menor ritmo que outras economias emergentes.

"O governo não se cansa de dizer que os fundamentos da economia estão melhores, mas isso é relativo. A economia ainda está muito atrelada ao cenário internacional, que é favorável a quase todos os países. Somente nossa política econômica interna não

seria suficiente para assegurar o crescimento. Pelo contrário, os juros elevados afugentam investimentos no país", afirma Cláudio Salvadori Dedecca, professor de economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

"O cenário internacional é extremamente favorável. A demanda externa continua firme, o que tem segurado setores como a indústria e o agronegócio", diz o ex-diretor do Banco Central (BC) Carlos Eduardo de Freitas. "O Brasil e o Lula estão dando uma sorte danada. O país vive em um cenário econômico-financeiro muito positivo", completa Alex Agostini, economista-chefe da consultoria Global Invest.

so não vem sendo feito", reforça.

Como prova dessa teoria, os economistas ressaltam o fato que o Brasil vem crescendo abaixo da média mundial. Enquanto as previsões apontam para uma expansão de até 3,5% este ano e de até 4% em 2006 para o PIB brasileiro, o Fundo Monetário Internacional (FMI) estima que a economia global cresça 4,3% este ano e 4,6% em 2006. "O que está puxando a economia é o ambiente internacional favorável. Mas, ainda assim, o Brasil está crescendo menos do que outras economias", diz Alexandre Lintz, economista-chefe do banco francês BNP Paribas no Brasil. Para ele, a culpa é do baixo nível de investimento. "Nossa economia não ganha maior velocidade porque só investimos 20% do PIB. Há países com taxas entre 30% e 40%."

"O governo precisa ser mais tolerante com o setor produtivo e incentivar investimentos. Em outras palavras, os juros devem começar a cair o mais rápido possível", reforça o diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Gomes de Almeida.

Para Salvadori Dedecca, a política monetária tem contribuído para conter o desenvolvimento. "Vamos crescer dentro das margens com as quais o governo trabalha, um crescimento que não extrapole os gargalos do país, principalmente na infra-estrutura", afirma. Segundo o economista, uma taxa de crescimento acima de 5% iria demandar mais investimentos públicos em infra-estrutura. "Coisa que o governo, com esse superávit primário de 4,25% do PIB, não consegue fazer. Então, prefere subir os juros, inibir investimentos e segurar o crescimento", exemplifica.

Carlos Eduardo de Freitas, ex-BC, elenca duas ameaças à estabilidade do cenário internacional. "O primeiro é que a conjuntura internacional favorável está lastreada no crescente déficit dos Estados Unidos, o que gera estabilidade duvidosa. Além disso, aqui dentro, sofremos com uma carga tributária que atinge 35% do PIB e reduz a capacidade de investimento da economia", afirma. "O Brasil está surfando uma onda boa, mas que pode de repente encaixotar."

PROJEÇÃO
O Fundo Monetário
Internacional (FMI) estima
que a economia global
cresça
4,3%
este ano

A conjuntura atual é tão favorável que dez em cada dez analistas acreditam na longevidade dessa onda de crescimento, pelo menos ao longo dos próximos dois anos. Mas todos alertam para o risco de essa trajetória chegar ao fim da linha, caso não sejam feitos os investimentos necessários, públicos e privados, para sustentar o crescimento.

Ritmo menor

Para o economista-chefe da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco, a inércia provocada por dois anos de crescimento consecutivos (2004 e 2005) deve ser suficiente para garantir uma expansão de 3,5% para o PIB em 2006. "Mas para crescermos a taxas mais significativas, de 5% ou 6%, é preciso que se concretizem investimentos, o que só irá ocorrer se os juros forem reduzidos", defende. "Crescimento contínuo não é uma coisa que acontece por acaso. A economia não cresce em liberdade de cruzeiro, não basta ligar o piloto automático. É preciso estimulá-la, e is-